

A mística profética de Marielle Franco

The prophetic mysticism of Marielle Franco

Suzana Regina Moreira

suzaregi@gmail.com

Mestranda em Teologia Sistemática na PUC-Rio

Igor Januário da Silva

igorbratch@gmail.com

Graduando em Teologia na PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi

francilaideronsi@hotmail.com

Doutora em Teologia Sistemática pela PUC-Rio e com pós-doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco

Resumo

Este artigo busca refletir sobre os valores cristãos presentes no exemplo de vida e na militância política de Marielle Franco, utilizando uma metodologia de contextualização biográfica à luz de uma análise a partir da teologia mística. Ao fazermos memória da atuação de Marielle e seu legado, torna-se importante analisar as ações concretas de sua vida como prática efetiva dos valores evangélicos.

Palavras-chave: mística; vida cristã; militância política; legado espiritual.

Abstract

This article seeks to reflect upon the Christian values present in the life example and political activism of Marielle Franco, using a methodology of biographical contextualization in the light of a mystical theology analysis. Making remembrance of Marielle and her legacy, it is important to value the concrete actions of her life as effective practices of evangelical values.

Keywords: mystic; prophetic mysticism; Christian life; political activism; spiritual legacy

Introdução

O testemunho de vida da Marielle Franco desde o seu covarde assassinato tornou-se notavelmente reconhecido pela dedicação aos direitos humanos, especialmente sua luta pelos grupos minoritários que tendem a ser esquecidos pelos órgãos governamentais e de justiça do Brasil. Marielle sempre foi reconhecida por essa militância humanizadora, porém sua repercussão tornou-se especialmente maior e internacional, infelizmente, somente após sua morte. Se olharmos para o exemplo de vida de outras pessoas de militância política com tamanha repercussão internacional e também assassinadas covardemente justo por militarem pelas causas humanas e sociais (como Martin Luther King Jr. e Oscar Romero), é possível identificar uma tendência. Expor a verdade sobre as injustiças e lutar pela garantia da dignidade de vida de todos os seres humanos é algo profético e que incomoda aqueles que se encontram no poder.

Falar sobre profetismo em pleno século XXI é um tema bastante complicado. Com suas origens nos séculos antes de Cristo, com práticas distintas em diversos momentos históricos e complexidades específicas do campo teológico judaico-cristão, não buscaremos aqui abordar a trajetória histórica que fundamente a conceituação do que poderia ser considerado “profético”. Partiremos, simplesmente, da noção de que o caráter profético é marcado pela denúncia de injustiças e fidelidade à noção do bem.

Como refletir, então, a partir desta perspectiva, sobre uma mística profética? A palavra “mística” também contém suas dificuldades devido às noções exotéricas que foram sendo vinculadas a ela nos últimos anos. Porém, aqui nos manteremos fiéis à noção original da mística cristã, que se identifica pelo encontro pessoal íntimo com Deus que transforma a maneira de viver do sujeito a partir desse encontro.

Conceitos de mística profética

A mística como um todo pode ser entendida como dinâmica que se fundamenta na experiência pessoal e de fé de um sujeito com o Ser Absoluto (cf. VELASCO, 2009, p.275-81). No caso específico da mística cristã, nada mais é do que a dinâmica do próprio “Evangelho [que] é a dinâmica da história, do outro, da justiça, da transformação. Trata-se de uma concepção de mística altamente subversiva para a concepção pagã” (BOFF; BETTO, 1996, p.50). Subversiva pois implica a atuação prática a partir da experiência espiritual, e não se

remete apenas a uma transcendência desconexa da realidade histórico-humana em que se realiza.

Por esta razão, viver o Evangelho como seguimento de Cristo torna-se uma responsabilidade de atuar de acordo com o seu exemplo de vida. Uma vida marcada pela inclusão de todos, fazendo assim uma opção preferencial pelos pobres, marginalizados e injustiçados que são, justamente, aqueles que são excluídos pela sociedade. “O seguimento de Jesus não significa uma atitude genérica ou abstrata, mas vem acompanhado de uma exigência moral fundamental: de realização histórica da atitude de afirmação de vida presente na trajetória de Jesus” (TEIXEIRA, 1994, p.198). Viver para o outro deve ser a realização plena e última de uma verdadeira vida de fé em Jesus Cristo.

Dentro deste contexto, “a mística profética pode ser assim considerada como fruto amadurecido da ação transformante da Palavra de Deus no espírito daquele que recebe essa Palavra pela Fé e que, pelo Batismo, renasce a uma vida nova” (VAZ, 2009, p.71). Isto se dá pelo fato de que o seguimento de Jesus como consequência de uma fé em sua pessoa somente é possível mediante o testemunho da Palavra sobre sua vida enquanto convivia entre os judeus e pagãos de sua época. A Palavra de Deus revela a vida pública de Jesus, e por sua vez possibilita o caminho de fé do sujeito que, ao ser batizado nessa fé, pode ser transformado por essa realidade mística e viva da realização da vida de Cristo em si.

A experiência mística profética necessariamente implica um sair de si. Sua dinâmica se dá diante dos outros, existe para os outros e, portanto, é influenciada pelo contexto em que acontece. Seu caráter profético somente terá relevância diante do momento histórico específico do sujeito, sua realidade eclesial e sua própria individualidade.

[A] estrutura da mística profética deve ser necessariamente considerada a partir de dois lados, que são duas faces da mesma realidade: de um lado, ela é estrutura de uma experiência eclesial; de outro, estrutura de uma experiência individual. Mais exatamente: é a mesma experiência que é experiência da Igreja, Corpo de Cristo, e do cristão, que é membro desse Corpo (1Cor12). (VAZ, 2009, p.79)

Entender a individualidade do sujeito enquanto membro do Corpo de Cristo implica noções de uma teologia batismal que não cabem serem discutidas aqui. Porém é fundamental partir deste pressuposto que a experiência mística profética, devido a essa comunhão intrínseca com o Corpo de Cristo, isto é, a Igreja como um todo, pertence e diz respeito a todos os cristãos, apesar de se dar a partir da experiência individual.

“O místico é aquele que vive pessoalmente a religião à qual pertence, que teve contato experiencial com a realidade última, o Mistério, Deus, o Divino, a quem se remetem todos os elementos da religião” (tradução nossa, VELASCO, 2009, p.253). Contudo, a experiência mística não se esgota à história religiosa (cf. VELASCO, 2009, p.254), pelo contrário, devido ao seu pressuposto da manifestação e autocomunicação do Ser Absoluto, ela pode se dar com qualquer pessoa que se abra e se disponha a viver essa relação. A presença originante desse Ser Absoluto

é a raiz e matriz de toda relação ulterior e do possível consentimento pelo homem a ela mesma; do selo ou imagem de Deus que essa presença constitui procede a orientação à semelhança divina, a atração deificante que origina o impulso místico e todos os seus desenvolvimentos. (tradução nossa, VELASCO, 2009, p.259)

A razão de ser da experiência mística, portanto, se encontra no próprio Deus que legitima a experiência. No caso específico da mística profética, com sua característica fundamental da prática a partir da transformação do sujeito na experiência, é, todavia, mais fácil reconhecer este tal “selo” divino, pois as ações do sujeito se tornam como provas de sua experiência pessoal por serem consequências do encontro com Deus.

Caminhada cristã de Marielle

Batizada como Marielle Francisco da Silva, já desde cedo ela frequentava a Igreja católica. Costumava ir à Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, no Complexo da Maré, onde nasceu e foi criada (cf. CANÔNICO, 2018). Desde pequena recebeu uma formação cristã através de sua avó e de sua mãe, e quando teve sua filha, Luyara Santos, fez questão de dar continuidade a essa herança espiritual (cf. CARNEIRO, 22 mai 2018). Integrou a Pastoral da Juventude no Complexo da Maré, com apenas 16 anos, e passou a ser catequista de primeira comunhão na comunidade (cf. AGÊNCIA ESTADO, 16 mar 2018). Teve sua filha aos 19 anos e ainda assim continuou exercendo sua pastoral enquanto catequista. Eventualmente ela se separou do marido e pai de Luyara, assumiu sua identidade LGBT e juntou-se à sua parceira Mônica Benício, com quem iria se casar no final de 2018, se não tivesse sido assassinada (cf. O ESTADO DE SÃO PAULO, 18 mar 2018). Em nenhum momento renunciou a sua fé ou deixou de ser católica. Marielle tinha orgulho e reconhecia o valor de sua formação cristã, assim

como o quanto sua identidade católica e experiência de catequista influenciaram sua formação enquanto pessoa (cf. REVISTA SUBJETIVA, 16 mai 2017).

Na missa de um ano do assassinato de Marielle Franco, sua mãe disse que a missa era um momento importante para a família, por serem católicos. Ela justificou essa importância devido à própria vida de fé da Marielle, dizendo: “É isso que Marielle pregava, ela era uma moça católica, foi catequista, em cima de todo o simbolismo que a gente tem como católico, como cristão, é reverenciar essa memória dessa maneira” (NITAHARA, 14 abr 2019).

Militância política de Marielle

Marielle, mulher negra bissexual de origem periférica, “cria da Maré”, como ela costumava dizer, era voz de quem não é ouvida nos espaços de poder. Como mulher negra e feminista, era um corpo incômodo, que expunha o caráter misógino, racista e heteronormativo de práticas públicas e instituições governamentais. Denunciando o assassinato de jovens da periferia, ela trazia ao debate público as vozes de muitas mulheres, como mães e irmãs, fundadas na dor e na perda, para driblar a desumanização. Outrossim, denunciava que o Estado de direito se assenta sobre “vidas matáveis” e práticas de extermínio. O fato de que a vida das mulheres continua a ser ceifada e que os corpos que caem sejam sobretudo os corpos negros revela a insuficiência das garantias existentes, e de modo mais amplo, do Estado democrático de direito.

O assassinato da vereadora Marielle é paradigmático, porque atinge a democracia como espaço de construção de alternativas. Parece-nos partir do óbvio. A existência da democracia depende de que a participação política das mulheres seja assegurada e a violência contra elas seja contida, para que assim sejam ouvidas. No Dia internacional das mulheres em 2016, Marielle decidiu se candidatar a um cargo eletivo no Rio de Janeiro (cf. WILLIAMSON, 25 mar 2018). Ela foi a quinta candidata a vereadora mais votada em todo país, com um total de 46,5 mil votos (cf. TOLEDO, 2018; MARIELLE, 2018). Sua militância pelos direitos humanos teve início muito antes, ainda jovem “após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré” (cf. MARIELLE, 2018). Sua jornada até tornar-se vereadora foi marcada por uma presença ativa em ações públicas pela segurança e dignidade das pessoas periféricas. Após tornar-se mãe aos 19 anos, entendeu também a necessidade de lutar pelos direitos das mulheres maternas,

prezando pela dignidade de terem condições de se manterem, trabalharem, estudarem, viverem suas vidas sem obstáculos para seus potenciais nem para o de seus filhos.

Em fevereiro de 2017, a vereadora conquistou a presidência da Comissão da Mulher. Em seguida, iniciou suas iniciativas de projetos de lei pelos direitos das mulheres, tendo por pauta temas como: mortalidade materna, creches noturnas para garantir a possibilidade delas trabalharem ou estudarem à noite, e cumprimento das condições do aborto legal, que apesar de admitido por lei – em casos específicos de risco à saúde da mulher – raramente é colocado em prática na saúde pública (cf. MARIELLE, 2018). Seu primeiro ano de mandato também foi marcado pela visibilidade LGBT, de modo específico à comunidade lésbica, assim como a visibilidade da favela, promovendo encontros de debate e de cultura sobre a Comunidade da Maré e o desenvolvimento de políticas públicas que prezem pela dignidade dos moradores de favelas (cf. MARIELLE, 2018). Sobre esse tema, se destaca sua dissertação de mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense, que posteriormente também foi publicada: *UPP: a redução da favela a três letras*.

Em apenas 15 meses na Câmara Municipal, Marielle Franco apresentou dezesseis propostas, sendo duas aprovadas como leis (cf. MARIELLE, 2018). Trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm), assim como coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo (cf. MARIELLE, 2018).

A militância política de Marielle Franco foi marcada por um espírito de resistência às normas injustas presentes de maneira implícita e explícita nas pautas estaduais. Teve de enfrentar a resistência à sua pessoa, não só por ser mulher que denuncia o mal e contesta os homens injustos apegados ao poder, mas também por ser negra, por ter tido que lutar contra o fluxo da meritocracia pregada por aqueles que têm vida privilegiada e que não conseguiam enxergar a razão de seus posicionamentos. Em uma entrevista durante a Jornada de luta das mulheres em 2017, Marielle resumiu de maneira simples: “Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo” (PITASSE, 15 mar 2018).

A mística profética da militância política de Marielle

Não há militância sem paixão e mística, não importando a natureza da causa, seja religiosa, humanística ou política. O militante vive no mundo das excelências e dos valores em função dos quais vale gastar tempo, arrostar riscos e empenhar a própria vida. Trata-se aqui não de ter ideias, mas de viver convicções. São estas que mudam as práticas, que transformam as relações sociais (BOFF; BETTO, 1996, p.26)

Falar da militância política de Marielle implica sua prática pessoal da fé. Monica Benício, sua companheira, deixa bem claro a consciência de que ambas tinham da prática da fé em Cristo: “Do pré-vestibular comunitário às lutas contra os abusos de autoridades, a vivência católica que tínhamos era de uma reafirmação cotidiana do Evangelho, em que o Cristo veio para estar ao lado dos marginalizados” (BENÍCIO, 27 jan 2019). A militância política da vereadora foi marcada pela luta contra o racismo, pela liberdade religiosa, pela diminuição da desigualdade social, pelas lutas pelos direitos das mulheres, pela dignidade da favela, pelos direitos dos LGBTs. A caminhada com os pobres, os marginalizados, os desfavorecidos, com práticas efetivas de solidariedade é um caminho obrigatório para o encontro com o próprio Cristo, pois “o encontro com o Senhor, no mais profundo de cada um, não exclui – antes sim, exige – que saibamos encontrá-lo nas profundezas da miséria em que se encontra o povo pobre de nossos países” (Gustavo Gutiérrez apud TEIXEIRA, 1994, p.201). Marielle militou pelos pobres e injustiçados que são, eles mesmos, presença de Cristo na terra.

Esta militância caracterizou seu catolicismo engajado, fiel à luta por direitos das minorias, mesmo em assuntos polêmicos para a Igreja Católica, como os direitos dos LGBTs ou os direitos da saúde da mulher. Sua preocupação tinha sempre como primazia a pessoa humana que sofre e que merece ser tratada com dignidade a partir de sua liberdade pessoal. Talvez diante de assuntos morais e éticos da fé católica, a militância política de Marielle possa ser vista como contraditória, porém não há como negar sua mística profética ao denunciar as injustiças com determinados grupos de pessoas. Tais injustiças, frutos de preconceitos e padrões de sociedade pré-estabelecidos, não correspondem aos valores pregados por Jesus Cristo, que sempre colocou a pessoa humana em primeiro lugar, ao invés de qualquer imposição moral ou ética.

Por esta razão, seu legado espiritual é exemplar para todos os cristãos, independente do debate moral que possa se fazer sobre seus posicionamentos. Marielle não hesitou em denunciar a desumanização presente nas estruturas políticas e sociais de nossa sociedade e, desta maneira, foi fiel à humanização do Evangelho. “Se considerarmos que os evangélicos são cerca de um terço da população e outros 60% são católicos, e levarmos em conta a situação do país, fica

claro que a disposição de se lutar por justiça e protestar contra o que ‘está errado’ não está na pauta da maioria das denominações” (ARAGÃO, 16 mar 2018). A vereadora teve a audácia não só de protestar, mas de ir à luta, se engajar, trabalhar para fazer diferença no desenvolvimento do país a partir da realidade desigual que vivia no Rio de Janeiro. Deste modo, suas ações a revelam como cristã mais do que qualquer outra afirmação que poderia ser feita a seu respeito. Sua vida em si revela sua mística profética, independente de religiosidade. Marielle Franco encarnou em sua militância política os valores evangélicos que aprendera em seu desenvolvimento desde criança.

Conclusão

Marielle Franco foi “profeta”, “voz” daqueles e daquelas que nunca são ouvidos. Ousou pensar e sonhar para além dos limites e preconceitos que sofreu durante sua gestão como vereadora do Rio de Janeiro. Em sua luta, ultrapassou fronteiras e denunciou à luz do dia os poderes ocultos e suas armadilhas. “Não pode existir uma mística ardente, sem uma ascese robusta que a sustente; e vice-versa, ninguém está disposto a pagar um preço elevado e exigente, se antes não descobriu um tesouro fascinante e inestimável” (BENTO XVI, 2008). Marielle descobriu o tesouro da verdadeira humanidade pregada por Cristo, e por isso se dispôs a lutar até às últimas consequências. Pagou o preço elevado de sua própria vida por sua fidelidade aos valores cristãos. Sua luta pelos direitos humanos é justamente fidelidade à humanidade de Cristo, e certeza de que essa é a dignidade pela qual todo ser humano deve viver – se alguém se encontra em detrimento das condições necessárias para se viver de acordo com essa dignidade, é preciso ajudá-lo(a). Por esta razão, a vida de Marielle foi caracterizada como vida de entrega para ajudar os outros, especialmente aqueles colocados em situações desumanizadoras, lutando para que as políticas públicas e as atuações do governo mudassem para proporcionar melhores condições de vida e mais equidade na sociedade brasileira.

Não podemos encerrar este artigo sem mencionar uma figura conhecida no âmbito judaico-cristão bíblico, que traz uma luz sobre a mística profética da vereadora. Miriam, irmã de Moisés, é uma mulher que denuncia a injustiça de acharem que Deus só se comunicava com os homens (capítulo 12 do livro dos Números). A raiva deles contra ela foi tão grande que interpretam sua lepra como um castigo de Deus. Aproveitam a ocasião de miséria para culpabilizá-la e castigá-la por sua ousadia e confrontação à estrutura de poder. Foi a maneira de

silenciar sua voz e apagar sua liderança no meio do povo. E foi o que fizeram covardemente com a vereadora Marielle, assassinando-a e calando-a definitivamente.

O crime contra Marielle, sobretudo no atual contexto sociopolítico e religioso, não encontra eco suficiente nas instituições religiosas. Há um processo de censura psicológica e emocional para se falar de direitos humanos e este silêncio nos convoca a captar algumas das razões de omissão flagrante, sobretudo daqueles que detêm a autoridade chamada “espiritual”. Não estaria essa antropologia cristã distorcida, marcada por uma visão patriarcal, hierárquica, e dualista, contribuindo com a manutenção da ocultação do assassinato da vereadora? Não seria o caso de refletirmos sobre um novo lugar da espiritualidade cristã? Não mais nas igrejas, mas em todo lugar, como fez a vereadora Marielle, agindo na história como o próprio Cristo fez?

Podemos dizer que a entrega de vida que ela fez pelos direitos humanos, reflexo da própria entrega de vida de Cristo, causou tanto incômodo aos poderes políticos atuais quanto Cristo causou em sua época. É essa entrega de vida que caracteriza sua mística profética. Para além da contemplação e celebração daquilo que foi a vida de Cristo, Marielle viveu na prática o próprio caminho de vida dele. Denunciou injustiças e se fez presente nas lutas pelas pessoas excluídas. Dentro desse contexto, nos vale lembrar as palavras ditas por Jesus Cristo, segundo o Evangelho de Lucas: “Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (Lc 4,24). Somente aqueles que reconhecem o valor da vida humana foram capazes de reconhecer, acolher e partilhar da luta de Marielle. Aqueles que se mantêm apegados às estruturas de poder e organização política engessadas não foram capazes, e ainda não o são, de reconhecer, acolher e partilhar de sua luta e, por isso, Marielle não foi bem recebida em nossa pátria.

O mundo precisa de profetas como Marielle. Pessoas dispostas a falar a verdade, denunciar injustiças, lutar pela vida. De modo especial, a Igreja precisa de profetas “que ajudem a revigorar as nossas raízes, a nossa pertença, para irmos sempre em frente” (FRANCISCO, 2019). Seu legado espiritual traz novos horizontes para a teologia espiritual, para a Igreja, para os cristãos em geral, e para todas as pessoas de boa vontade. A mística profética nunca aponta para um horizonte desesperador diante das injustiças presentes, mas aponta para o horizonte da esperança. A encarnação profética dos valores evangélicos é o que forma o profeta da esperança, aquele que “abre as portas, restabelece as raízes e a pertença ao povo de Deus para ir em frente” (FRANCISCO, 2009). Sua prática de vida é o próprio horizonte da esperança. Que a entrega de vida de Marielle, seu legado espiritual de uma mística profética, imbuída de esperança, seja mais do que um exemplo para nossa própria vida, mas ponto de partida para uma verdadeira prática cristã da justiça.

Referências Bibliográficas

ARAGÃO, J. Marielle Franco, a mídia militante e uma lição para a Igreja. *Gospel Prime*. 16 mar 2018. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/marielle-franco-a-midia-militante-e-uma-licao-para-a-igreja/>>. Acesso em: 23 abr 2019.

BENÍCIO, M. A fé no amor!: O testemunho de Mônica Benício sobre Marielle Franco. *Diversidade Católica*. 27 jan 2019. Disponível em: <<http://www.diversidadecatolica.com.br/2019/01/27/a-fe-no-amor-o-testemunho-de-monica-benicio-sobre-marielle-franco/>>. Acesso em: 23 abr 2019.

BENTO XVI. *Mensagem por ocasião do início do XXVI*: Capítulo Geral dos Salesianos de Dom Bosco. Libreria Editrice Vaticana. 1 mar 2008. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2008/documents/hf_ben-xvi_let_20080301_capitolo-salesiani.html>. Acesso em: 10 abr 2019.

BOFF, L.; BETTO, F. *Mística e espiritualidade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CANÔNICO, M. A. Da Maré, vereadora fazia parte do 'bonde de intelectuais da favela'. *Folha de São Paulo*. 15 mar 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/feminista-negra-e-cria-da-mare-quem-foi-a-vereadora-marielle-franco.shtml>>. Acesso em: 23 abr 2019.

CARNEIRO, J. D. O que o papa disse em ligação à família de Marielle, segundo irmã da vereadora assassinada. *BBC News Brasil*. 22 mar de 2018. <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/03/22/o-que-o-papa-disse-em-ligacao-a-familia-de-marielle-segundo-irma-da-vereadora-assassinada.htm>>. Acesso em: 23 de abril de 2019.

CORREIO BRASILIENSE. *Conheça a trajetória de vida de Marielle, voz crítica às polícias do Rio*. Agência Estado. 16 mar 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/16/interna_politica,666519/conheca-a-trajetoria-de-vida-de-marielle-voz-critica-as-policias-do-r.shtml>. Acesso em: 23 de abril de 2019.

FRANCISCO. *A Igreja precisa de profetas*: Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta. Libreria Editrice Vaticana. 17 abr de 2018. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180417_profetas-igreja.html>. Acesso em: 10 abr 2019.

FRANCO, Marielle. *O que já fizemos*. 2018. Disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/o-que-ja-fizemos>>. Acesso em: 23 abr 2019.

NITAHARA, A. Missa e atos no Rio homenageiam Marielle no aniversário de sua morte. *Agência Brasil*. 14 mar 2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-03/missa-e-atos-no-rio-homenageiam-marielle-no-aniversario-de-sua>>. Acesso em: 23 abr 2019.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Viúva de Marielle conta que vereadora estava despreocupada dias antes do assassinato*. 18 mar 2018. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,viuva-de-marielle-counta-que-vereadora-estava-despreocupada-dias-antes-do-assassinato,70002232935>>. Acesso em: 23 abr 2019.

PITASSE, M. Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo. *Brasil de Fato*. 15 mar 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/03/15/marielle-franco-or-ser-mulher-negra-e-resistir-e-sobreviver-o-tempo-todo/>>. Acesso em: 23 abr 2019.

REVISTA SUBJETIVA. *Entrevistamos Marielle Franco: mulher, negra, periférica e vereadora do RJ*. 16 mai 2017. Disponível em: <<https://medium.com/revista-subjetiva/entrevistamos-marielle-franco-mulher-negra-perif%C3%A9rica-e-vereadora-do-rj-mulheres-na-pol%C3%ADtica-7839b7fbfe06>>. Acesso em: 23 abr 2019.

TEIXEIRA, F. L. C. *Mística e política na América Latina: A espiritualidade do seguimento*. In: BARTHOLO JR., R. S.; BINGEMER, M. C. L. (orgs.). *Mística e política*. São Paulo: Loyola, 1994. p.197-219.

TOLEDO, J. R. A vida e a morte de uma voz inconformada. *Folha de São Paulo*. 15 mar 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/vida-e-morte-de-uma-voz-inconformada/>>. Acesso em: 23 abr 2019.

VAZ, H. C. L. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

VELASCO, J. M. *El fenómeno místico: estudio comparado*. 3.ed. Madri: Trotta, 2009.

WILLIAMSON, T. O Legado de Marielle Franco e a Luta pelo Futuro do Rio e do Brasil. *Rio on Watch*. 25 mar 2018. Disponível em: <<http://rioonwatch.org.br/?p=31954>>. Acesso em 23 de abril de 2019.